

A DIFERENÇA DE UMA FOTO

Uma reunião na Casa Branca diz mais do que qualquer comunicado oficial. Mostra quem realmente importa no tabuleiro e com quem os jogadores grandes fazem questão de conversar.

Lula foi recebido por Trump como presidente em exercício. Três horas de conversa fechada, ministros, almoço protocolar. Era um claro encontro por obrigação: dois governos que discordam em quase tudo, mas precisam tratar de comércio, tarifas e minerais estratégicos. Trump deu a formalidade que o cargo exige, e só. E, no caso brasileiro, formalidade para alguém que foi a Washington oferecer terras raras numa bandeja enquanto se recusava a chamar PCC e Comando Vermelho pelo nome que merecem. Lula entregou a riqueza do subsolo e segurou o nome dos bandidos que tocam o terror no país. É a diplomacia do PT resumida.

Flávio Bolsonaro fez um caminho bem diferente. Desde que a viagem foi ventilada, começou o tiroteio na imprensa. As manchetes pipocavam: "não está na agenda oficial", "ele que está pedindo", "pode nem rolar", "tentativa de forçar o encontro". Repórter torcendo abertamente para a viagem fracassar, como se a hipótese de Trump receber o filho mais velho do Bolsonaro fosse um escândalo a ser conjurado. Dias e dias de dúvida plantada, tom cético nas matérias, convite tratado como delírio de bolsonarista sonhador.

Aí a foto apareceu. E o tom mudou na hora.

Nunca antes um presidente americano recebeu no Salão Oval um pré-candidato à presidência de outro país. Flávio foi o primeiro a atravessar aquela porta nesta condição, e atravessou enquanto Lula ainda digeriria o gosto amargo da própria visita.

Já dentro do salão, Trump quis saber de Jair. Perguntou pelo amigo preso, pelo homem que ele considera vítima da mesma perseguição que enfrentou nos próprios tribunais. Não foi uma reunião apenas protocolar, foi uma conversa de quem nunca engoliu o que o judiciário fez com seu aliado. E Flávio levou a pauta que importa: PCC e Comando Vermelho enquadrados como organizações terroristas. Coisa que o Itamaraty de Lula rejeitou na cara de oficiais americanos alegando "medo de intervenção externa". Tradução do petês para o português: medo de enfrentar de verdade quem manda nas favelas e nos presídios.

O que separa as duas imagens não é cenário nem aperto de mão, mas o seu significado. Lula foi porque ocupa o Planalto, por um dever de ofício, uma conversa entre governos que se toleram por cálculo. Flávio foi porque existe ali uma relação construída desde 2018, com lados que se reconhecem. Um foi protocolo, o outro foi uma escolha. E a essa altura do campeonato se sabe muito bem que Trump não escolhe qualquer um.

De novo, os "apoiaadores" do atual governo seguem no mesmo roteiro de sempre: comentário protocolar, minimizar, fingir que a foto não existe ou "não diz nada". É um vício de desqualificar o adversário mesmo com a imagem estampada na cara. Fechar os olhos, no Brasil dos petistas, virou método de governo.

No fim, o Brasil acompanhou o vaivém e captou o recado. Tem foto que representa a continuação do que está aí. E tem foto que sinaliza outro caminho possível. Prestígio e confiança não nascem de cargo temporário; nascem de coerência ao longo dos anos e de laços que sobrevivem a eleições, prisões e narrativas convenientes.

Às vezes uma única imagem basta. E esta, em particular, fala mais alto do que o noticiário inteiro.

- **O peso da imagem:** A foto no Salão Oval desmonta a tentativa da imprensa de tratar a viagem de Flávio como improvável, irrelevante ou forçada.
- **Protocolo e escolha:** Lula aparece como presença institucional meramente protocolar; Flávio, como interlocutor político escolhido por uma relação construída desde 2018.
- **Crime e soberania:** A defesa do enquadramento do PCC e do Comando Vermelho como organizações terroristas expõe o contraste com a hesitação do governo Lula diante do crime organizado.

